

URBANIZAÇÃO E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE: PRÁTICAS DE MODERNIZAÇÃO EM SANTA MARIA (SÉCULO XX)

ROSELÂINE CASANOVA CORRÊA¹

Resumo

Neste artigo pretende-se apresentar o histórico de parte do espaço urbano de Santa Maria, evidenciando suas marcas de crescimento e modernização, a partir da estrada de ferro (1885) até nossos dias, priorizando aspectos culturais. A ferrovia e a universidade, a arquitetura e as casas de espetáculos são sinais dessa modernidade urbana. O que ocorria em Santa Maria no início do século XX, em relação ao processo de modernização e urbanização, não diferia muito do que ocorria em outras cidades do país. O que chama a atenção, entretanto, é o descaso com que é tratado este mesmo espaço urbano, na atualidade, apesar das propostas de revitalização do centro da cidade.

Palavras-chave: Urbanização, Modernização, Cine-Teatros, Santa Maria.

Abstract

This article presents the history of Santa Maria urban space, pointing out its signs of growth and modernization, from the railway station (1885) until nowadays, giving priority to the cultural aspects. The railway station and the university, the architecture and the theaters represent some of those signs of urban modernity. What happened in Santa Maria at the beginning of the 20th Century, related to the process of modernization and urbanization, was not different from other cities in the country. However, what calls attention is the negligence within which this urban space is treated nowadays, despite the proposals of revitalization of the city center

Keywords: Urbanization, Modernization, Cine-Theaters, Santa Maria.

Introdução

Durante a primeira metade do século XX, Santa Maria caracterizava-se como uma cidade marcadamente ferroviária, além de um centro militar, comercial e estudantil. Desde o final do século XIX existiam sessões teatrais e salas de espetáculos na cidade, tendo essas últimas que dividir os espaços delimitados às suas apresentações com o cinema. Essa tensão gerada pela disputa de espaços físicos proporcionou a construção de edificações que abrigassem tanto os espetáculos teatrais, quanto as exibições da sétima arte. Com o passar dos anos, as exibições cinematográficas se sobrepuseram às do teatro.

Desde o início do século XX, a cidade de Santa Maria abrigou uma série de salas de projeção cinematográfica e casas de espetáculos, a maioria delas próximas à praça Saldanha Marinho. Nas imediações também se encontravam cabarés, onde se apresentavam músicos e artistas de variedades. Essa vida noturna era estimulada pelo fato de a cidade ser um centro ferroviário, pólo militar, comercial e estudantil. A vida intensa em torno dessas edificações parece ter ocorrido até a década de 1980. A partir daí, a frequência do público diminuiu e o cinema e os grandes espetáculos, enquanto atividades comerciais, deixaram de ser vantajosos.

¹ Mestre em História pela PUC/RS. Especialista em História do Brasil (UFSC); Especialista em Museologia (UNIFRA).

O espaço sociocultural que reúne *peças de bom gosto* é um território de afirmação. Nesse sentido, as casas de espetáculos são evidências de uma sociedade que se distancia do prosaico ruído dos trens, das oficinas, dos quartéis, das lojas, dos bancos escolares e lança as pessoas para um plano mais elevado.

Das fontes utilizadas para concretizar este artigo, privilegiou-se a documentação existente no acervo particular de Edmundo Cardoso. Deste acervo, foram utilizados recortes de jornais e revistas; bibliografia específica sobre teatro, cinema e manifestações artísticas e culturais em Santa Maria; textos sobre o processo modernizante da cidade, como os de Getúlio Schilling e do próprio Edmundo Cardoso. Além disso, utilizamos textos específicos em tais assuntos, sobre a cidade de Santa Maria, os quais serão mencionados no decorrer deste texto.

Santa Maria – desenvolvimento urbano

Localizada no interior do Rio Grande do Sul, a cidade de Santa Maria encontra-se em uma região limítrofe entre a Serra Geral e a Campanha, e foi marcada, ao longo do século XX, pelo fato de ser ponto de cruzamento das diversas linhas ferroviárias do Estado.

Comumente, a história do município de Santa Maria é dividida em três períodos: o primeiro, a fase em que o núcleo urbano foi vinculado às atividades militares de fronteira (final do século XVIII até quase final do século XIX); segundo, quando se tornou centro da malha ferroviária do Rio Grande do Sul e foi alvo de grande modernização urbana (do final do século XIX até a década de 1950); terceiro, quando passou a abrigar a Universidade Federal de Santa Maria, na década de 1960, e se constituiu em um importante pólo educacional do interior do Estado.

As origens do município são militares e remontam a 1797, quando tropas portuguesas andavam pela região demarcando as fronteiras do Império de Portugal na re-

gião. A Comissão de Demarcação armou seu acampamento onde hoje está a Praça Saldanha Marinho, da qual parte a Rua do Acampamento, e que deu origem a um povoamento. (BELÉM, 2000).

Santa Maria tornou-se um posto militar avançado e estratégico, próximo à região do Prata, em relação ao qual a Coroa Portuguesa e, posteriormente, o Império Brasileiro, desenvolveu políticas expansionistas. Desta maneira, o núcleo urbano estruturou-se a partir de uma matriz militar e, em 1885, a ferrovia passou a impulsionar o seu crescimento. Santa Maria foi elevada à categoria de Município em 1858, desligando-se de Cachoeira do Sul, a qual estava vinculada. (BELÉM, 2000).

Como centro da malha ferroviária sul-rio-grandense, Santa Maria terminou congregando todas as atividades referentes a esse serviço – era o centro administrativo da empresa² – abrigando uma importante cooperativa de funcionários da ferrovia, considerada como *a maior cooperativa da América Latina*. Entre outras coisas, esta cooperativa construiu uma escola masculina e outra feminina para os filhos dos seus associados, em prédios suntuosos até hoje existentes. Além disso, era também em Santa Maria que se encontrava a sede das organizações dos trabalhadores ferroviários, fazendo da cidade espaço para as atividades trabalhistas e políticas.³ Os ferroviários se constituíam em setor da classe trabalhadora extremamente ativa – como costumava acontecer com funcionários dos transportes – e suas atividades sindicais deixaram marcas na cidade, até que foram reprimidos pelos agentes do Regime Militar instaurado a partir de 1964.

A população santa-mariense sentiu-se marcada pelas atividades da estrada de fer-

² De 1885 até 1920 a companhia se chamava *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil*. Após a encampação da estrada de ferro pelo Governo Borges de Medeiros, surge o nome *Viação Férrea do Rio Grande do Sul – VFRGS*. Em 1958, quando a *Viação Férrea* é incorporada pelo Governo Federal, adquire o nome de *Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima – RFFSA*. (RECHIA, 1999).
³ As referências encontradas em relação à organização dos ferroviários indica que eles não formavam um sindicato, mas se estabeleciam em associações segundo as atividades profissionais na empresa. A Associação de Máquinas, por exemplo, era uma das mais fortes e fundamental nas paralisações. (NUNES, 2002; PETERSEN, 2001).

ro, que aqui chegou em 1885.⁴ Isto deu origem a uma estação ferroviária, que foi espaço privilegiado na vida da cidade. Ao seu redor moviam-se condutores de carros, hoteleiros, donos de restaurantes, comerciantes e donos de cabarés. A cidade abrigou os escritórios centrais da companhia estrangeira que explorava a estrada de ferro no início do século e, desta maneira, uma população de trabalhadores de alto nível, tais como gerentes-administradores, engenheiros e técnicos em locomotiva. Para abrigar esta população qualificada, a companhia criou um *bairro*, até hoje existente, conhecido como Vila Belga,⁵ com perfil arquitetônico muito característico dos chamados bairros operários do início do século XX. (BELÉM, 2000).

O passado ferroviário é uma marca expressiva na memória, nas lendas e nas histórias da população santa-mariense, assim como presença ainda marcante através de diversos prédios existentes. Grande parte das famílias enraizada na cidade teve vínculos com a ferrovia, isto é, tem parentes próximos e/ou distantes que estiveram ligados às suas atividades. E a lenta decadência da Rede Ferroviária – que deixou de crescer nos anos 50 e, a partir dos anos 80, entrou progressivamente em declínio, abrindo espaço para a sua privatização nos anos de 1990 –, foi acompanhada pela cidade com certa perplexidade melancólica.

O espaço urbano dedicado a esta atividade – a larga e arborizada avenida Rio Branco, que termina na estação – acabou perdendo o *status* de área nobre da cidade, convertendo-se em território de ruínas. A Viação férrea foi privatizada⁶, mas esta mudança não

concretizou as esperanças do município em reviver a atividade ferroviária como núcleo dinâmico.

Antes deste quadro, porém, a estação de Santa Maria foi um pólo de vida e crescimento. A inauguração da via férrea, trecho Cachoeira–Santa Maria, em 1885, foi o marco fundamental no desenvolvimento da cidade. A facilidade do transporte de pessoas e produtos para a capital e outras cidades do interior, trouxe um afluxo muito grande de pessoas a Santa Maria. Grande número de pessoas desembarcava na Estação Ferroviária, incentivando a criação de novos hotéis, restaurantes e casas de comércio, que se tornavam atrativos para os visitantes. Já nos primeiros anos do impulso ferroviário, Santa Maria elevou seu número de habitantes de três mil para quinze mil pessoas. (ISAIA, 1993). Com isso, o comércio desenvolveu-se com rapidez, não apenas o varejista, mas também o atacadista, que fornecia mercadorias para as cidades e vilas menores.

Sua localização privilegiada, como centro geográfico, qualificou-a como o maior entroncamento ferroviário do Rio Grande do Sul, passagem obrigatória de passageiros da fronteira à capital ou do planalto à zona sul. Conseqüentemente, atraiu grande número de estudantes de todo o estado, tanto para escolas públicas como particulares, especificamente, para os internatos masculinos e femininos criados na cidade para acolher os filhos das famílias mais abastadas da região. Em 1905, foram fundados os Colégios Sant'Anna das Irmãs Franciscanas e o Ginásio Santa Maria dos Irmãos Maristas, com esse propósito. (CARDOSO, 1941).⁷

Em conseqüência da ferrovia, a estrutura urbana precisou ser melhorada. Até o final do século XIX ruas foram calçadas. Começou a funcionar a iluminação elétrica, surgiram hotéis, jornais, novas escolas, clubes e um teatro, o Treze de Maio. Mudan-

⁴ A vinculação da população com a ferrovia é muito grande e isto fica bem documentado no livro que resgata a história da Vila Belga a partir de testemunhos orais, organizado pelo Centro de História Oral, da Secretaria de Estado da Cultura/RGS, chamado *Memória cidadã: Vila Belga*. O depoimento da prof. Vani Folleto é significativo nesse aspecto: "Eu sou santa-mariense, criada aqui. Então, eu tenho, na verdade, uma sensação de perda com o que aconteceu com os trens, porque era a identidade de Santa Maria, a cidade ferroviária." (NUNES, 2002, p. 33).

⁵ A Vila Belga ganhou esse nome devido ao fato de que a empresa que explorava a estrada de ferro era de origem belga.

⁶ A Rede Ferroviária Federal S A (RFFSA), por meio do Escritório Regional de Porto Alegre organizou o leilão de parte do patrimônio ferroviário de Santa Maria em um edital de concorrência pública para alienação de patrimônio em 1997 (Edital n.º 001/ERPO/97). Sendo assim, em 1997, a FERROVIA SUL ATLÂNTICA assumiu a administração das ferrovias da região. Atualmente a malha é administrada por outra empresa, a AMÉRICA LATINA LOGÍSTICA. (SCHLEER, 1999).

⁷ O estabelecimento de colégios e internatos católicos em Santa Maria fazem parte da ação do padre Caetano Pagliuca, pároco da catedral entre 1900 e 1937. Dado a força e prestígio dos anticlericais, o padre Caetano, membro da Sociedade Pia das Missões, estabeleceu uma política de fortalecimento do poder católico na cidade. (BIASOLI, 2002).

ças significativas apontavam para o que chamamos de processo de modernização da cidade.

Em 1918, o engenheiro Francisco Saturnino de Brito foi contratado pelo intendente Astrogildo de Azevedo para elaborar um plano de saneamento para Santa Maria. Encontrou uma cidade com 8.000 imóveis e cerca de 50.000 habitantes, dos quais apenas 18.000 viviam na zona urbana. (ABREU, 1958).

Dois anos mais tarde, o município foi visitado pelo jornalista Alfredo Cusano, que registrou uma população de 20.000 pessoas distribuídas em 3.000 casas. Para o jornalista Alfredo Rodrigues da Costa, citando um recenseamento efetuado em 1920, a cidade contava com 52.777 habitantes, que ocupavam 8.430 residências, sendo 2.905 urbanas. Para o historiador Antônio Isaia, foi entre os anos de 1885 a 1905 que a cidade sofreu sua maior e definitiva transformação, saltando de 3.000 para 15.000 habitantes. (ISAIA, 1983).

No final da década de 1930, a população estimada do município era de 70.000 habitantes, sendo 40.000 no núcleo urbano. Segundo a seção de classificados do Guia Ilustrado (1938), Santa Maria era atendida por nove profissionais *Architetos Construtores*: Luiz Denardim, Alfredo Grassi, Izidoro Grassi, Jorge Habberkorn, Olimpio Lozza, Ermenegildo Mussói e os engenheiros Luiz Bollick, Edgar W. Pinto e Luiz Schimidt. Muitos deles trabalharam para construtoras ou por conta própria e foram os responsáveis pela construção dos primeiros prédios que indicavam os caminhos que a arquitetura santa-mariense assumiria, de forma concreta, a partir da década de 1940 (SCHLEE, 2001).

Duas publicações parecem fundamentais quando o objetivo é compreender o desenvolvimento urbano em Santa Maria: o livro *Um momento da vida do município de Santa Maria*, organizado por Edmundo Cardoso, de 1941, comemorando a passagem do terceiro aniversário do Estado Novo e o *Álbum ilustrado comemorativo do 1º centenário da emancipação política do município*,

organizado por José Pacheco de Abreu, de 1958.

A primeira obra relata os acontecimentos de novembro de 1940, quando a cidade comemorou as efemérides do Estado Novo e da República. Getúlio Vargas foi apresentado como “autor dos principais inspiradores do nosso povo no transcurso do mais positivo período da evolução nacional” e o prefeito de Santa Maria, Dr. Antônio Xavier da Rocha, como “o mentor do progresso de uma comuna padrão e cultor integral das regras norteadoras da nacionalidade.” (CARDOSO, 1941, p. 23).

A administração Xavier da Rocha, de 1937 a 1941, deixou marcas significativas na cidade de Santa Maria. A reorganização da cidade, a partir de uma ampla reforma administrativa, deu origem à Diretoria de Obras e Viação, ao Arquivo Municipal e ao Horto Municipal, entre outras repartições. Tal estrutura permitiu a elaboração do Plano de Expansão Racional e Urbanização da Cidade, elaborada pela Diretoria de Obras e Viação do município em 1938 e assinado pelo engenheiro titular da pasta, Floriano Gonçalves Dias. (SCHLEE, 2001).

O Plano contemplou a reorganização e a emancipação do sistema viário municipal, prevendo, entre outras medidas, a abertura da Avenida Ipiranga/Presidente Vargas (alargada e prolongada), a remodelação da Avenida Rio Branco (alargada, arborizada e pavimentada), o nivelamento da Avenida Borges de Medeiros, a canalização do arroio Itaimbé, e a criação da Avenida Circular – com 5 km de extensão. Definiu ainda, as áreas prioritárias para a construção de prédios públicos, como o Estádio Municipal, o Abrigo Monumental de ônibus, o Matadouro Modelo, a Casa do Municpário e as onze novas escolas municipais, todos projetados pelos técnicos da Prefeitura Municipal (SCHLEE, 2001).

Baseada nas diretrizes estabelecidas no Plano, a Prefeitura Municipal instituiu a chamada *contribuição de melhoria* (Ato 18 de 1938) que consistia em um imposto a ser pago pelos proprietários, quando seus imó-

veis fossem valorizados em decorrência da execução de alguma obra pública. E, de fato, foram abertas cinco grandes avenidas, dezotoito ruas e inúmeras praças (SCHLEE, 2001).

Ainda em 1938, um acontecimento marcou a cidade: a realização da *Exposição Estadual*. Passados apenas três anos da exposição Farroupilha, chegara a vez de Santa Maria mostrar seu grau de progresso e desenvolvimento. A idéia foi reproduzir, em escala local, o mesmo esplendor dos festejos farroupilhas. Sendo assim, os planos de urbanização do local da exposição, no antigo Jôquei Clube de Santa Maria, foram encomendados ao arquiteto Christiano de La Paix Gilbert, o mesmo que executou e fiscalizou a construção dos pavilhões da exposição de 1935. Cabendo ainda ao próprio arquiteto, Christiano, projetar o Pórtico Monumental e o Cassino (SCHLEE, 2001).

Em 1958, quando se festejou o primeiro centenário de emancipação política do município, na gestão do prefeito Vidal Castilho Dânia, foi publicado o *Álbum Ilustrado comemorativo*. A obra buscou resgatar os principais momentos da História municipal, baseada nos relatos do historiador João Belém e pela comparação de imagens do passado e do presente da cidade: Santa Maria antiga *versus* Santa Maria Moderna (SCHLEE, 2001).⁸

O crescimento populacional das primeiras décadas do século XX foi acompanhado de um significativo desenvolvimento das atividades econômicas e dos processos de organização social (institucional), repercutindo fortemente na área da construção civil, com desdobramentos nos anos posteriores. Tais construções são edificações ecléticas, construídas, na sua maioria, a partir do início do século XX e caracterizadas pela utilização dos mais variados elementos arquitetônicos, extraídos de diferentes épocas e regiões, recompostos de diferentes

manciras, dando origem a obras originais. (SCHLEE, 2001).

Faz-se necessário acentuar também, o esforço da sociedade santa-mariense em criar e manter edificações/salas que tivessem capacidade para apresentar espetáculos, sejam eles peças teatrais, números de canto ou a nascente sétima arte, o cinema. Salas que propiciassem à comunidade o acesso à produção teatral ou de companhias de fora, assim como a produção cinematográfica do país e do mundo.

Santa Maria dos espetáculos: os cine-teatros

O mundo dos espetáculos, em Santa Maria, é marcado por duas atividades que se assemelham e se distanciam quanto ao propósito de proporcionar lazer e/ou cultura. Estamos falando do teatro e do cinema – aquele produzido artesanalmente, este último em escala industrial. O teatro, tradicionalmente na sociedade brasileira, foi espaço privilegiado de seus letrados, homens e mulheres cultos, com intenção de refinamento, mas desenvolveu-se especialmente nas grandes cidades, naquelas em que o êxito econômico possibilitou a criação de casas de espetáculos. Nas cidades pouco desenvolvidas, o teatro sempre foi uma prática de difícil realização. E, muitas vezes – devido inclusive ao moralismo predominante –, circunscreveu-se ao espaço boêmio, com intenção de puro entretenimento.

As limitações do desenvolvimento teatral em Santa Maria, provavelmente se explicam pela ausência de uma classe dominante próspera como ocorria em Pelotas, capaz de investir em uma casa de espetáculos e na sua manutenção. Segundo Lothar Hessel, a arte teatral pelotense prosperou por “força de suas opulentas charqueadas”, especialmente no período do Segundo Reinado. Em Santa Maria faltou esta opulência no século XIX e também no XX. (HESEL, 1999).

Mesmo assim, foram feitos vários esforços. Segundo Getúlio Schilling, em texto datilografado em 1943, “um teatro fazia par-

⁸ João Belém (1874-1935) com Romen Beltrão (1913-1977) são os historiadores da cidade. Aquele produziu *História Municipal de Santa Maria*, publicado em 1935, este outro escreveu *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho da Serra – 1787-1930*, publicado em 1958.

te do projeto urbanístico” de Santa Maria, desde o surgimento da cidade, apontando que “nem sempre um edifício construído segundo as exigências da técnica marca a vida teatral em uma determinada sociedade”, ou seja, o desenvolvimento da vida teatral santa-mariense se deu sem uma casa apropriada. A luta pelo desenvolvimento teatral é também pela concretização de casas de espetáculos dignas desse nome. (SCHILLING, 1943).⁹

A arte dramática surge primeiramente em palcos improvisados – teatros de emergência para espetáculos de ocasião – como o barracão de madeira de Antônio Mendonça Furtado, na Praça Tiradentes (hoje Praça Eduardo Trevisan, em frente ao Colégio Estadual Manuel Ribas), citado por Beltrão anteriormente. Nele se apresentava a Companhia Dramática de Augusto Boldrini, trazida por João Daudt Filho, um grande incentivador das artes locais. (DAUDT FILHO, 1946).

Dessa sociedade dramática de Daudt Filho (fundada em 1880, segundo Schilling), participavam pessoas ilustradas da cidade, entre eles João Thomaz da Silva Brasil, o organizador do Código de Posturas do Município, e figuras representativas do comércio, entre outros. Isto nos indica que membros da *sociedade de escol*, conforme expressão da década de 1940, encantavam-se com projetos artísticos.

Segundo Aristilda Rechia, a primeira companhia lírico-dramática que veio à Santa Maria foi o Grupo Lírico Italiano da empresa Socal, em agosto de 1888, que se apresentou em palco improvisado do Clube Caixeiral. Para Aristilda, foi esta companhia que inspirou João Daudt Filho a construir o Theatro Treze de Maio. Esta atividade artística não era vista como marginal, mas como uma aspiração digna da sociedade e, provavelmente, como um ornamento que viria abrilhantá-la. (RECHIA, 1999).

Em 1889, João Daudt Filho formou a sociedade que construiu o Treze de Maio. A assembléia de fundação ocorreu “numa das salas da Câmara Municipal desta cidade de Santa Maria da Boca do Monte, onde se achava reunida grande parte da população santa-mariense”. (SCHILLING, 1943, p. 27). Provavelmente no final desse ano, a casa de espetáculos já se encontrasse em funcionamento, pois não se sabe a data exata da sua fundação.

O material utilizado para a construção foi o da antiga capela da cidade (que até então servira de igreja matriz), destruída por autoridade judicial municipal, devido ao estado precário de conservação e adquirida em leilão público por Daudt Filho.¹⁰ O arquiteto responsável pela obra foi Augusto Boldrini, que também dirigiu uma companhia dramática, e o construtor, Júlio Weiss.¹¹

Com base em dados do jornal *O Combatente*, Schilling (1943) faz um crônica minuciosa dos espetáculos no novo teatro. Nestes atuam os atores amadores Frutuoso Fontoura, Pedro Amadeu Weinmann, Artur Marques Oestreich, João Pires da Silva, Ildefonso Brenner, os professores Granja e Teixeira, D. Júlia e o mais velho dos irmãos Mergener, segundo listagem do próprio Daudt, que também integrava o grupo. Todos eles dirigidos pelos experimentados atores profissionais Manoel Nóbrega e a esposa Leopoldina, contratados para tal. Segundo Daudt, ele “gozava intensamente a alegria de viver na pacata cidadezinha, que (...) agitava em permanentes diversões no Teatro 13 de Maio.” Logo o teatro profissional foi incentivado a vir fazer apresentações na cidade. (DAUDT FILHO, 1946, p. 127).

⁹ Getúlio Schilling (1896-1959) foi jornalista e escritor, pesquisador que fazia seus livros artesanalmente e os doava a Edmundo Cardoso. Escreveu textos dramáticos e em um nostálgico da vida teatral santa-mariense do final do século XIX e do início do XX, quando escutou, maravilhado, os primeiros cantores líricos. Seu texto expressa certo desprezo diante dos “abacaxis cinematográficos”.

¹⁰ A condenação da capela de Santa Maria, em 1888, por ordem judicial, se inscreve dentro de um quadro de disputa entre a igreja católica e os anticlericais da cidade. Segundo relatório do Pe. Caetano Pagliuca, a frequência à igreja e a prática dos sacramentos é pequena neste período, devido à “perseguição feroz movida pela maçonaria, em convivência com a autoridade municipal” (Livro Tombo da Catedral de Santa Maria – 1889 a 1914, p. 85-87).

¹¹ João Daudt Filho, em seu livro *Memórias*, chama o arquiteto do teatro de Carlos e não de Augusto (p. 122). Beltrão e Schilling o corrigem a partir de suas pesquisas. Schilling comenta que no *Almanaque Municipal de 1889* está Augusto Boldrini e que Daudt Filho, que escreveu seu livro na década de 1930, sem consultar documentos, provavelmente se enganou.

Na década de 1890, o Theatro Treze de Maio foi o pivô, em torno do qual “gira a vida cultural santa-mariense” (SCHILLING, 1943, p. 4). Um breve apanhado dos espetáculos oferecidos proporcionam uma síntese do que seja esta cultura. Em 23 de janeiro de 1892 ocorreu um concerto de violino e, logo após, um baile que se estendeu até às três horas da madrugada. Em 28 de fevereiro do mesmo ano foi encenado *Um marido nas palminhas*.

Nesta mesma noite, o teatro estava ornamentado com os escudos das sociedades locais: Sociedade Nova Aurora, Clube Caixeiral e Clube dos Atiradores. Em 6 de março, estreou uma companhia infantil com atores de ambos os sexos na faixa dos 12 anos. Após o espetáculo, a jovem atriz principal foi conduzida com banda de música e fogos de artifício até o Hotel do Comércio, onde foi oferecida mesa de doces e três oradores recitaram poemas.

O teatro, por muito tempo – antes do aparecimento do cinema – foi o único tipo de diversão existente. Não havia sequer os esportes para ocupar a população nas horas de lazer. Além dessa função de entretenimento, o espaço criado pelos espetáculos teatrais foi também uma espécie de passarela para a *sociedade se exibir*.

Lothar Hessel, em seu estudo sobre teatro sul-rio-grandense aponta que o espaço da ribalta era essencialmente masculino: “no início do século [XX] os papéis femininos eram confiados a homens travestidos; depois, a prostitutas de alta categoria que estagiavam na cidade e, finalmente, a moças da sociedade.” (1999, p. 127).

No crônica de Schilling podemos dizer que o teatro é idealizado. É uma arte e um espaço de sociabilidade admirável e elevado. Schilling comenta com pesar que, frequentemente, faltava público e os espetáculos não se realizavam. Por vezes, no entanto, houve empolgação por parte da população e os atores foram presenteados, como foi o caso da atriz Leopoldina, da peça *O Conde de Monte Cristo*, em dezembro de 1892, que recebeu do Clube Caixeiral

“uma pulseira de ouro cravejada de pedras preciosas.” (p. 7).

Nessa época, o Theatro Treze de Maio era mantido pela Sociedade Indenizadora que se propunha a apresentar um espetáculo mensal. Daudt Filho deixou a direção em 1892 e o diretor passou a ser escolhido pela sociedade mantenedora. Isto até 1913, quando o prédio foi comprado pela Intendência Municipal, deixando de funcionar como teatro.

Além de peças e apresentações de canto, o prédio também era cedido para festas de clubes, como a quermesse e baile do Clube Caixeiral, em 28 de março de 1893.

A Revolução de 1893 não chegou a abalar a dinâmica do Treze de Maio. Nesse ano, a Companhia de Zarzuelas¹² de Manoel Ponte se destacou na programação e seu diretor e ator principal foi homenageado com um soneto, publicado no jornal *O Combatente*. Em 1896, o Treze de Maio apresentou espetáculos de cachorros amestrados e de crianças ginastas. No mesmo ano, o mesmo jornal lamentou a falta de público aos espetáculos da Companhia de Eduardo Marin, que apresentava “bons dramas, chistosas comédias e bonitas zarzuelas.” (SCHILLING, 1943, p. 13). Em setembro de 1900, o ator Manoel Ponte voltou a Santa Maria e encontrou duas novidades: a luz elétrica e a primeira livraria na cidade.

A luz elétrica, ao mesmo tempo em que proporcionou uma melhor iluminação ao teatro, eliminando os lampiões a querosene, também possibilitou o surgimento de novas diversões: o cinematógrafo e o fonógrafo. A partir daí, o campo do teatro passou a ser disputado pelos “abacaxis cinematográficos”, como se refere Schilling (p. 7). O cinema foi, com o passar do tempo, um sério concorrente. Teatro e cinema foram duas artes a disputar a preferência do público. No texto referido de Schilling, há um claro desprezo em

¹² “A zarzuela é uma peça teatral tipicamente espanhola de tom bufolesco ou irônico, cuja declamação alterna-se com músicas e cantos nacionais. Durante o século XVII constituía-se no espetáculo lírico predileto dos espanhóis, não só na Corte como em todo o país.” (BITTENCOURT, 2001, p. 219).

relação ao cinema e aos interesses da platéia santa-mariense da década de 1940.

Podemos dizer que o cinema foi trazido para Santa Maria por um diretor de companhia de teatro que conheceu a *nova arte* em Buenos Aires, segundo o crítico de cinema Jair Alan e o diretor de cinema Sérgio Assis Brasil (1980). *A maravilha do século* foi como se anunciou a estréia do primeiro filme em Santa Maria, que foi assistido por platéia curiosa.

Para Romeu Beltrão (1979), esta primeira exibição ocorreu no dia 17 de fevereiro de 1898, pela Companhia de Variedades do Teatro Lucinda, dirigida por Germano Alves. Depois disso, o cinema seguiu um curso normal. A princípio os filmes chegavam por meio de mascates. Eram viajantes que traziam os filmes encomendados pela cidade e os exibiam em salas improvisadas.

Convém lembrar que o cinema era um divertimento recente. Os irmãos Louis e Auguste Lumière haviam realizado a primeira sessão pública no dia 28 de dezembro de 1895, em Paris. No dia 8 de julho de 1896, no Rio de Janeiro, ocorria a primeira sessão em terras brasileiras. No mesmo ano, no dia 8 de novembro, acontecia a primeira exibição em Porto Alegre, no prédio número 349 da Rua da Praia. (BECKER, 1996, p. 7). Pouco tempo depois os santa-marienses ilustrados já tinham acesso ao *modernismo*.

Schilling também aponta o fonógrafo como outra novidade que chegou à cidade. Em 1898, em uma sala do Hotel Leon, na rua do Comércio, um fonógrafo foi apresentado ao público. O programa cinematográfico *O Panorama Ilustrado*, apresentado no Treze de Maio em 3 de março de 1900, era noticiado pelo jornal *O Estado* da seguinte maneira: "uma magnífica coleção de excelentes vistas, obtidas pela fotografia instantânea, de cidades, vilas, acontecimentos históricos." (p. 13). Em abril de 1901, foi a vez do *Cinematógrafo Americano Edison*, cuja "função" constava de "24 vistas escolhidas", acompanhadas pelo "Phonógrafo Lloret que executará em 3 tempos 12 peças". No mesmo ano o *Cinematógrafo Lumière* também foi apresentado no Treze de Maio. (p. 17).

Fator que contribuiu para este privilégio em Santa Maria, foi o da cidade ter sido a segunda no Rio Grande do Sul a possuir luz elétrica, no ano de 1897 (BELTRÃO, 1979). Isto facilitava o comércio cinematográfico e provocava a vinda de muita gente de fora, pois, além do cinema, a cidade ainda proporcionava outras diversões. Santa Maria tornou-se conhecida pela sua intensa atividade boêmia, decorrência, em grande parte, do fato de ser um importante ponto de parada de trens, os quais – no início – não costumavam viajar à noite. Esta parada obrigatória de passageiros incrementou a vida da cidade, tanto os hotéis quanto as casas de espetáculos, os cabarés inclusive.¹³

Em 1904, chegou a cidade a primeira companhia realmente de canto lírico. Tratava-se da Companhia do tenor Mário Roberto que cantou três óperas, *O Trovador*, *Tosca* e *La Bohème*, e não operetas como apresentavam as chamadas "companhias líricas" que já tinham passado pela cidade. As óperas eram apresentadas em uma única noite, o que nos leva a deduzir que se tratavam de apenas algumas árias e não de peças inteiras. Em 1905, a Companhia Dramática João Caetano ficou em cartaz de 25 de fevereiro a 5 de abril. (SCHILLING, 1943, p. 21).

No ano de 1905, foi criada a Sociedade Dramática José de Alencar, que estreou com o drama *A escrava Andréa ou o pirata Antônio*. Por esta época, no entanto, o Treze de Maio foi arrendado por Affonso Farias do Nascimento com o propósito de explorar o cinema de forma mais constante, mas ainda ocorreram "algumas noitadas empolgantes, de arte pura". Atores profissionais se apresentaram – das companhias de operetas Città di Roma e Città de Milano – assim como grupos de amadores. (SCHILLING, 1943, p.21).

¹³ A data que marca o início da chamada *civilização ferroviária* em Santa Maria é 1885, quando é inaugurada a linha férrea que vem de General Câmara. (BELTRÃO, 1979) Mais tarde a linha chega a Uruguiana e Santa Maria torna-se a parada obrigatória dos trens que fazem o roticiró Porto Alegre – Uruguiana. Em 1898, a *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil* ganha a concessão à exploração dessa estrada. Em 1905, ela passa a controlar todas as estradas do Rio Grande do Sul e torna Santa Maria a sede de seu escritório central. (KLIEMANN, 1977.)

Todavia, por esta época o cinema invadia o teatro e deixava a arte teatral em segundo plano: "Aos primeiros embates, o teatro já foi cedendo terreno, e o cinema, aparelhado de bilhões de dólares [sic], lançou os seus tentáculos de polvo sobre os cinco oceanos. As fitas de celulóide fizeram a volta do planeta, enrolando o mundo no seu tapete mágico." (SCHILLING, 1943, p. 19).

O negócio cinematográfico se desenvolvia muito e houve a necessidade de construir nova casa para exibição de filmes. Em 30 de dezembro de 1911, foi inaugurado o Coliseu Santamariense, mais conhecido como Cine Coliseu, na rua Ângelo Uglione, esquina Riachuelo.

O Theatro Treze de Maio ficou preterido pelo Cine-Teatro Coliseu, pois este era mais adequado e, assim, "houve quem o explorasse [O Treze de Maio] como cinema, desfrutando da sua posição privilegiada de frente à Praça Saldanha Marinho. Mas não deu certo e durou pouco" (CARDOSO, 2002), ou seja, até a construção do Cine Independência. Em 1915 ou 16 (Schilling não tem certeza quanto a data), o prédio do Treze de Maio foi arrendado pela Intendência Municipal e se tornou sede do jornal *Diário do Interior*, até 1939.

Com relação ao Coliseu, na década de 1910, Schilling afirma que era a única casa de diversões e "extravasava espectadores" aos domingos. "Era preciso ir-se uma hora antes da função", ele afirma, "para se achar lugar. E com as laterais repletas do belo sexo, ali se iniciou muito romance que foi terminar no altar ou na polícia..." (1943, p. 24).

Apesar do Coliseu privilegiar as sessões de cinema, o espetáculo teatral ainda ocupava parte da sua programação. Em outubro de 1916, devido à Grande Guerra na Europa, a Companhia Lírica Róttolbi e Billoro chegou a Santa Maria e se apresentou nesta casa. Devido à Guerra, a companhia via-se impossibilitada de voltar para a Europa e realizava uma turnê pelo interior do Brasil. Somente por esta razão, um grupo de cantores líricos desse porte se aventurou até Santa Maria. Era a segunda companhia lírica a chegar a cidade. (SCHILLING, 1943).

O circuito artístico santa-mariense não comportava espetáculos operísticos, segundo Schilling, que comenta a qualidade da soprano, Adelina Agostinelli, do tenor, Ettore Bergamaschi, e afirma que dois anos depois, quando assistiu a Caruso no Rio, não achou que este cantasse melhor que Bergamaschi. A companhia apresentou trechos de *O Trovador*, *Tosca*, *La Bohème*, *Pagliacci* e a *Cavalaria Rusticana* (numa mesma sessão, ao que tudo indica) e que isto era excepcional.

É nesse contexto de diminuição do campo teatral, no entanto, que começa a aparecer a produção de João Belém. Schilling afirma que suas revistas *Filhos de Momo* e *O Peixão*, "os primeiros frutos indígenas [santa-marienses] da arte [teatral]", foram apresentados com "ruidoso êxito" no Treze de Maio. (p. 22). Já Cardoso relaciona as encenações de Belém ao Coliseu e à década de 1910. Seja como for, Belém foi o primeiro teatrólogo da cidade e marcou uma tradição que se enraizou, mesmo com escassez de público, de casas de espetáculo e com produção semiprofissional.

Edmundo Cardoso, em nota biográfica para o livro de João Belém, *História do Município de Santa Maria* (2000), afirma que o autor escreveu e encenou quase uma vintena de comédias musicais e revistas em Santa Maria, assim como dramas e operetas.¹⁴ A maioria dos textos estão perdidos, restando apenas as operetas *A professorinha* e *Comédias da vida* e o drama *Corações gaúchos*. Belém se tornou uma referência na vida artística de Santa Maria e em torno dele se constituiu uma vida teatral apreciável, especialmente na década de 1930, com

¹⁴ Belém nasceu em Porto Alegre, 1874, e veio para Santa Maria em 1901 para trabalhar nos escritórios da estrada de ferro. Ambientou-se à cidade, casou, teve seis filhos, tornou-se funcionário público municipal, descobriu os encantos da vida teatral, foi professor, colaborou na imprensa, escreveu poemas e peças teatrais, assim como a primeira obra historiográfica municipal. Neste livro produziu uma verdadeira peça em seus contemporâneos. Parafaseou o "Conto indígena de Imembui", de Cezimbra Jacques, publicado em 1912, e o apresentou como origem lendária da cidade. Sobre este assunto ver FONSECA, Orlando e QUEVEDO, Júlio. *João Cezimbra Jacques: passado & presente*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000; e MARCHIORI, José e NOAL, FILHO, Valter. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: Editoraufsm, 1999.

Lamartine Souza, Fernando do Ó e o seu filho Rubens Belém.

Posteriormente, foi inaugurado o Cine Independência, na Praça Saldanha Marinho, em 1922, e o Cine-Teatro Imperial, na Rua Dr. Bozano, em 1935. Antes destes, houve o salão Seyffarth, adaptado exclusivamente para ser o primeiro cinema da cidade. Depois a sala serviria de sede do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, mais tarde, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Também nos anos 20, Frederico Scherechvski percorreu o interior com um aparelho de cinema de 35 mm, mudo, para exibições em lugares distantes, pequenos redutos populacionais onde não havia casas de espetáculos. Atuava em salões de clubes, de igrejas ou em residências particulares que possibilitassem montar a tela e seu projetor.

Ainda nos anos 20, Luiz Medina inaugurou a confeitaria Ponto Chique na rua Dr. Bozano, onde também exibia filmes, esporadicamente, em uma sala anexa. Na Avenida Rio Branco foi criado um bar-cinema, ao ar livre, chamado Cine Universal, conhecido reduto de boêmios, que funcionou até o início da década de 30.

O apogeu do cinema aconteceu nos anos 30, notadamente entre 1938-39, quando a cidade teve quatro salas com projeções diárias. Eram os cinemas Coliseu, Independência, Imperial e Odeon. Este último funcionava onde atualmente está a biblioteca do Clube Caixeiral. (ALAN & ASSIS BRASILEIRO, 1980).

Nesse período tais salas contabilizavam 16 sessões aos domingos. Além das sessões noturnas, duas vespertinas: uma infantil, às 14h e outra para adolescentes, às 16h. Os fabulosos filmes da década de 30 passavam à noite. Eram grandes produções que foram se modificando ao longo do tempo. Um dos motivos desta programação variada era consequência da competição de quatro empresas distribuidoras, cada uma responsável por um cinema. Isto fez com que Santa Maria se tornasse um centro lançador de filmes, como Porto Alegre. (ALAN & ASSIS BRASILEIRO, 1980).

Interessante assinalar que, justo neste momento de expansão dos espetáculos cinematográficos na cidade, constatamos também uma certa maturidade da vida teatral santa-mariense. Afinal, são da década de 1930 os grandes sucessos de João Belém. São também nesses anos que Lamartine Souza, coordenando grupo de amadores do Avenida Tênis Clube, apresentou *Barafunda* (peça de sua autoria) no Cine-Teatro Independência com boa acolhida do público. Também nesses anos Rubens Belém, coordenando o Grupo João Belém, encenou espetáculos de teatro de revista no Independência. Em 1938, com *Na Boca do Monte*, realizou número inédito de nove apresentações, com um público total estimado em mais de dez mil pessoas. (CARDOSO, 1978).

O Coliseu também abriu espaço para espetáculos teatrais e nele foi apresentada a opereta *A casa das três meninas*, com orquestra regida pelo maestro Garibaldi Poggetti. Em 1938, Fernando do Ó encenou *A Aposta* e, em 1940, Rubens Belém apresentou sua comédia *Nara*, com cenários de papel pintado. (CARDOSO, 1978).

Na entrada da década de 1940, quando a situação mundial era de conflito bélico, o cinema também sofreu as consequências. Santa Maria ficou com apenas duas salas – o Imperial e o Independência. O Odeon fechou e o Coliseu foi demolido. Nos anos 50 surgiu o Cine Glória, onde antes havia o Coliseu e o Cine Imperial foi fechado em 1979. Ainda nos anos 70, houve uma tentativa de fazer funcionar um cinema em uma sala no Bairro Itararé, no prédio de uma sociedade ferroviária, que permaneceu aberto por muito pouco tempo.

No início da década de 80, Pedro Freire Júnior assumiu a direção da Socex¹⁵ de Santa Maria. Partiram dele as providências para melhorar a qualidade das salas de cinema remanescentes – Glória e Independência: lavagem da tela, que possibilitou uma imagem mais nítida; cuidados de projeção para evitar desfoques; limpeza de lentes para maior nitidez; melhoria de som, embora os

¹⁵ Sociedade Comercial Exibidora Ltda.

problemas de acústica existentes em razão dos espaços agressivos de construções e, fundamentalmente, uma orientação para que os filmes fossem programados de acordo com a frequência do público local. (ALAN & ASSIS BRASIL, 1980).

Até 1995 continuaram atuantes em Santa Maria dois cinemas pertencentes à empresa Socex – o Glória e o Independência. Em 1980, houve aproveitamento da subplatéia do Glória, em uma reforma que resultou em uma sala com 350 lugares, à semelhança do que foi feito em Porto Alegre, no cinema Cacique, que abrigou em seu mezanino o Cine Scala. (ALAN & ASSIS BRASIL, 1980).

Este quadro mudou completamente com a chegada dos *shopping centers* na cidade, no final da década de 1990. Os cines Glória, Glorinha e Independência apresentavam condições sofríveis de som e imagem, na época.¹⁶ Em 1995, o Cine Independência fechou as suas portas. Os cines Glória e Glorinha resistiram até 1997. Nessa época, o cineasta Luiz Cassol dirigiu o curta-metragem *Águas dançantes*, registrando as memórias de cinéfilos que viveram os *cinemas de calçada* e realizou uma espécie de balanço de uma época, de um tipo de vivência e fruição dos espetáculos cinematográficos, assim como de determinadas formas de socialibilidade.

Na mesma época (1996), foi reinaugurado o Theatro Treze de Maio. O prédio foi reformado e colocado em condições técnicas para receber companhias teatrais. A direção do teatro propõe uma programação de razoável nível e a cidade, a muito custo (com uma fluência nem sempre significativa), prestigia. A maioria dos espetáculos vem de fora, poucos grupos locais utilizam o palco, entre eles o de Pedro Freire Júnior e os dos estudantes de arte dramática da UFSM. O Theatro é uma referência da vida cultural da cidade, mas, nem de longe, é o pivô da

vida cultural, como se referia Getúlio Schilling aos tempos do antigo Treze de Maio.

Atualmente existem quatro salas de cinema na cidade, todas localizadas em *shoppings centers*, a exemplo da tendência dos últimos dez anos, conforme a gerente da empresa a qual pertencem as salas, Zuleika Franchini (2002). Referimo-nos à Sul Projeção Cinematográfica Ltda, empresa de Porto Alegre. As quatro salas somam 640 poltronas, apresentam, em média, quatro sessões diárias e contam com um público em torno de 8.000 pessoas por mês. Tais salas se estabeleceram no *Shopping Monet*, inauguradas em 19 de abril de 1997 e no *Santa Maria Shopping*, inauguradas em 26 de dezembro de 1998.

Considerações finais

Em Santa Maria, a chegada da estrada de ferro, em 1885, esteve diretamente ligada ao processo de modernização e urbanização da cidade e da vida cultural. A estrutura urbana melhorou e a aspiração por um maior grau de *civilidade* tornou-se preocupação para a população.

A dinâmica social e cultural da cidade sofreu alterações ao longo do século XX, na mesma medida em que as possibilidades de uma vida econômica mais ativa se acentuavam. Surgiram diversos locais capazes de proporcionar lazer e entretenimento, da mesma forma que esforços variados propondo a criação de espaços para o circuito das artes, não só do teatro e do cinema, mas também de outros modelos de fruição de socialibilidade, como os cafés e os cineclubes.

As formas de entretenimento foram se adequando às condições vigentes e, assim surgiram salas e prédios que puderam proporcionar à sociedade acesso a algumas manifestações no campo dos espetáculos. Por volta de 1890, houve a criação do Theatro Treze de Maio e, em 1911, a criação do Cine-Teatro Coliseu Santamariense. Pouco depois o Treze de Maio encerrou suas atividades e o Coliseu tornou-se a mais importante casa de espetáculos da cidade. Em 1922, foi inau-

¹⁶ As condições sofríveis da reprodução do som se tornavam notórias quando eram apresentados filmes nacionais, como, de modo geral, acontecia (e talvez ainda aconteça) em grande número de cinemas brasileiros. A fala dos personagens era incompreensível e isto desestimulava os espectadores.

- DAUT FILHO, João. **Memórias de João Daut Filho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: [Editora do Autor], 1949.
- FONSECA, Orlando & QUEVEDO, Júlio. **João Cezimbra Jacques: passado & presente**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.
- HESSEL, Lothar. **Teatro no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade /UFRGS, 1999.
- ISAIA, Antônio. As estradas de ferro no Brasil, Rio Grande do Sul e em Santa Maria. In:
- KUHN, Olinto José (Coord.). **Santa Maria – Livro Guia Geral – 1983**. Santa Maria: GUINAPA, 1983.
- KLIEMANN, Luíza. 1977. A ferrovia gaúcha e as diretrizes de “Ordem e Progresso”: 1905 – 1920. **Estudos Íbero-Americanos**, POA, 3 (2):159-250, 1977.
Livro Tombo da Catedral de Santa Maria. Cúria de Santa Maria.1889 a 1914.
- MARCHIORI, José Newton Cardoso.
- PERETTI, Heitor de Souza. (Orgs.). **João Belém. Três peças teatrais**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2002.
- MARCHIORI, José & NOAL Fº, Valter (org.). **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997.
- NUNES, Marion Kruse (org.). **Memória cidadã: Vila Belga**. Porto Alegre: Sedac/CHO, 2002.
- PETERSEN, Sílvia. **Que a união operária seja nossa Pátria**. Santa Maria, Editora da UFSM, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- RECHIA, Aristilda. **Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural**. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.
- SCHILLING, Getúlio. **O teatro em Santa Maria**. Santa Maria, texto datilografado, 1943.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal (org.). **Processo de Tombamento da Estação Férrea de Santa Maria**. Santa Maria. 1999.
- _____. A arquitetura na transição. In: 5º SEPE e 1ª FEATEC. Anais 2001. Santa Maria: UNIFRA, 2001.

Depoimentos

CARDOSO, Edmundo. **Entrevista cedida à Roselaine Casanova Corrêa**. 03 jul. 2002.

FRANCHINI, Zuleika Maria Aguiar. **Entrevista cedida à Roselaine Casanova Corrêa**. 09 jul. 2002.

Autora

Roselaine Casanova Corrêa
Rua Araújo Viana, 545/303
97015-040 – Santa Maria (RS)
e-mail: rosecasanova@terra.com.br